

**ENTREVISTA CONCEDIDA AO JORNAL DA BAHIA,  
PUBLICADA EM 09/10/1977.**

## ELES SÃO ASSIM

— Na sua opinião, como definiria o cargo do Juiz num julgamento?

— Antes de tudo, o papel de juiz é um encargo espinhoso. Ele tem de ser, antes de tudo, um cavalheiro. Ter coragem, sensibilidade e discernimento. Se conhecer bem as leis, então é perfeito.

— Por que seu interesse, como advogado, pela ecologia?

— Como ser humano e cidadão, a ecologia é assunto que me toca de perto, como aliás a você, a todos que são atingidos pelos efeitos da poluição. Comecei a ler tudo que se publicava sobre o assunto, acompanhando a marcha destruidora do chamado progresso, que está acabando com as árvores, os rios, os animais e a saúde do povo. Impressionei-me muito com uns versos de um poeta norte-americano, que entre várias denúncias justas, diz:

*“Os desertos estão chegando  
os desertos estão se espraiando  
as fontes e correntes ressecando  
até que tudo seja um banco de areia  
herdado por formigas,  
centopéias e escorpiões”.*

Sou um mineiro sempre enamorado de Belo Horizonte. Mas solidarizei-me com o protesto de Carlos Drummond de Andrade ante a devastação de Belo Horizonte, onde, para alimentar a usina de Mannesmann, estão destruindo montanhas e matas. O poeta declarou que não mais voltaria à capital de Minas para não testemunhar esse vandalismo. Faço coro com ele.

Você sabe que, em Raposos, perto de Belo Horizonte, existe um navio encalhado num fio de água? O rio das Velhas, o rio Doce foram rios navegáveis. O homem acabou com eles. Onde trafegam navios, hoje um peixe de maior porte encalha. A devastação das matas, que cercavam suas margens e protegiam os mananciais, ocasionou isso. Com o rio São Francisco está acontecendo a mesma coisa. O Paraíba, além de estar quase seco, está poluído pelos despejos de elementos não biodegradáveis. Li um livro sobre o rio das Velhas, que é realmente impressionante. Os rios

brasileiros estão morrendo. De sede. A natureza, com tudo que nos dá de belo e saudável, está sendo assassinada pelo homem.

Há uma previsão científica de que o alimento do homem futuro virá do mar. No entanto, essas reservas, que deveriam ser mantidas como um patrimônio para as futuras gerações, estão sendo dizimadas sem o menor escrúpulo. Os peixes são destruídos na desova.

— A poluição resultante dessa violentação maciça contra as riquezas naturais do planeta tem como fonte principal os resíduos industriais?

— Os resíduos industriais, alguns deles, podem ser neutralizados em sua ação nefasta, e mesmo até aproveitados, como no caso do vinhoto, resultante da exploração da cana-de-açúcar. Se industrializado, pode transformar-se em adubo. Muitos acusam esse resíduo porque são contra a indústria do álcool, mas ele pode ser neutralizado em sua nocividade. Os plásticos, os despejos de arsênico e chumbo, o risco apocalíptico do uso da energia nuclear estão superando todas as criações da literatura de horror.

Enquanto o homem não encontrar um meio de controle das atividades nucleares, deve abster-se de exercê-las. Ele está agindo como o aprendiz de feiticeiro. Desencadeia uma força que não sabe controlar. O principal poluidor é o lixo nuclear — resíduos da utilização dos elementos que criam a energia nuclear — logo seguido pelo lançamento do petróleo no mar.

Contra o petróleo, já há uma Convenção Internacional, a que o Brasil aderiu. Contra os resíduos nucleares, existem apenas esboços para "Um país não tem o direito de edificar os pilares de seu desenvolvimento à custa da saúde de seu povo".

— Seu trabalho sobre a Responsabilidade Civil na Ecologia aborda todos esses ângulos?

— É um capítulo novo que será inserido na próxima edição de meu livro "Da Responsabilidade Civil", a sair. Nele, sugiro sanções contra os atentados ecológicos, controle às indústrias poluidoras. Proibir as que não podem ser controladas. Impor reparações pecuniárias às que produzem danos.

Atualmente, há regulamentos a respeito, ditando multas irrisórias. Não há lei. E essa lei é que eu sugiro, sob o ângulo da responsabilidade civil, com reparação na exata medida do prejuízo causado. Coloco o dano ecológico sob o prisma da responsabilidade civil, pois a impunidade é, no caso, outro crime contra o ser humano. Não se pode, em nome do progresso, sacrificar a segurança do povo.

O Juiz Aguiar Dias é conhecido também como um grande amigo das crianças. Elas o cercam onde o encontram, bem como a

juventude. Esse entendimento com as novas e novíssimas gerações tem já surpreendido muita gente.

— É a força do amor. Nada mais. Não acredito que não haja diálogo entre gerações. A falta do diálogo existe entre os que pensam e falam diferentemente. Diferença de idéias e não de gerações. Sou muito procurado pelos jovens, sim, discuto com eles, esclareço o que posso de minha parte, e ouço seus esclarecimentos. Quanto às crianças, amo-as. Nunca houve divergência entre mim e meus filhos. E tenho oito filhos.

— Qual a situação jurídica da mulher brasileira, se me permite este desvio do assunto?

— Jurídica e de maneira geral a mulher continua sendo tratada como coisa, à maneira medieval. Há mulheres que resistem porque têm coragem, mas a maioria não tem. A mulher precisa do consentimento do marido para comerciar e para muitas outras coisas, para as quais o marido não precisa do consentimento dela. Há discriminação no exercício das profissões, apesar de que se tem visto na Justiça e nos Ministérios Públicos que elas são tão bem ou melhor dotadas que o homem. As mulheres deviam organizar-se, não no exagero caricatural de um "*women's lib*", mas conscientemente no intuito de reclamar seus direitos de igualdade. Deve haver perfeita igualdade nos direitos da mulher e do homem. Não igualdade naquilo que a natureza não permite, obviamente. As desigualdades naturais não podem ser destruídas. Mas a desigualdade de direitos, isto sim. É um preconceito tão imbecil como qualquer outro preconceito.

O Juiz **Aguiar Dias** é uma das pessoas mais simpáticas e simples que já entrevistamos. Conta anedotas e casos engraçados de sua longa carreira. Confessa-se péssimo motorista.

— Tenho sido muito xingado na rua por isso, mas não respondo. Jamais me utilizei daquela famosa frase tão comum nos bate-bocas de rua: "Sabe com quem está falando?" Afinal, quem me xinga sabe com quem está falando, sim. Com o pior motorista do mundo.

— Voltando à poluição, gostaríamos de encerrar esta entrevista com algum comentário a mais sobre o assunto.

— Está bem. É preciso abandonar o sentimento de impotência e fatalismo dos aprendizes de feiticeiro. Ou a técnica encontra meio de deter os efeitos apocalípticos da loucura que criou, ou a consciência universal, por unânime condenação, decreta a sua definitiva extinção.